

## ORIENTAÇÃO ACADÊMICA: UM EXERCÍCIO DE ESPIRITUALIDADE?<sup>1</sup>

Everton Ricardo Bootz<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo oferece a ideia de que o trabalho de orientação de um professor acadêmico pode ser comparado ao de um guia espiritual. Nesse viés, a experiência do aluno de pós-graduação também retrata alguns aspectos similares à experiência de um iniciado. O artigo faz uso do texto bíblico de João 9 (história do cego de nascença), traçando paralelos entre o enredo bíblico e a tese do artigo. Os personagens joaninos são sobrepostos aos personagens do professor orientador e do aluno pós-graduando, denotando aspectos de maturação espiritual à medida que a razão emerge em meio ao estilo especulativo de vida. O artigo trabalha com a simbologia da cegueira e da visão como dois polos de um processo, cujo motor é o centro acadêmico, espaço de desenvolvimento intelectual e, segundo a tese do artigo, espiritual.

**Palavras-chave:** Espiritualidade. Mística cristã. Aconselhamento pastoral. Cura.

*Academic advising: An exercise in spirituality?*

**Abstract:** This article offers the idea that the work of academic guidance of a teacher can be compared to a spiritual guide. In the same way, the experience of a pos-graduated student also reveals similar aspects to the experience of the initiated one. The article uses the biblical text of John 9 (history of the man born blind), drawing parallels between the biblical story and the thesis of the article. The johannine characters are superimposed on the images of the advisor and his graduate student, showing aspects of spiritual development as the reason emerges from the speculative thinking. The article deals with the symbolism of blindness and vision as two poles of a process, whose motivating force is the academic core, place of intellectual and, according to the thesis of the article, spiritual development.

**Keywords:** Spirituality. Christian mystic. Counseling care. Cure.

O tempo que se gasta para uma formação acadêmica é longo e caracterizado por algumas fases e experiências que parecem as de uma experiência mística. A partir de uma perspectiva tradicional, a pessoa

---

<sup>1</sup> O artigo foi recebido em 06 de agosto de 2010 e aprovado por parecerista *ad hoc* mediante parecer de 06 de agosto de 2010.

<sup>2</sup> Bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia da IECLB, em 1990. Entre 1991 e 1995, foi pastor enviado ao Acre, nas então Novas Áreas de Colonização, onde trabalhou com movimentos populares e como professor de Filosofia no Colégio Estadual do Rio Branco. Entre 1996 e 2002, desenvolveu seu mestrado e doutorado na EST, na Área Prática, a partir da temática do Aconselhamento Pastoral. Foi professor e diretor da Faculdade de Teologia da Universidade Luterana Salvadorenha, em El Salvador, entre 2003 e 2005. Voltou ao Brasil para exercer pastorado no Sínodo Norte Catarinense e atualmente é ministro na Comunidade da Ascensão, Novo Hamburgo/RS. [erbootz@hotmail.com](mailto:erbootz@hotmail.com)

que se arroja a estudar uma pós-graduação, seja mestrado ou doutorado, muitas vezes precisa se retirar do mundo para um tempo de solidão. Alguns chegam realmente a desenvolver uma vida de ermitão. Nesse período de reclusão social, o acadêmico pode passar de dois a sete anos estudando e desenvolvendo seu trabalho; um trabalho que normalmente retrata algo importante para ele, senão sobre si mesmo. Ademais, é mister ter um orientador acadêmico, que mostrará a “direção” a seguir, assim como um guia espiritual para os iniciados. Essas poucas características apontam para a hipótese deste artigo: a de que a vida acadêmica também pode ser tida como um período de crescimento espiritual. Para desenvolver essa ideia, o texto de João 9 será utilizado, como um apoio analógico.

### 1ª Perícopo: João 9.1-7 – O estranho<sup>3</sup>

*1. Caminhando Jesus, viu um homem cego de nascença. 2. Perguntaram-lhe os seus discípulos: Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego? 3. Respondeu Jesus: Nem ele pecou nem seus pais; mas foi para que nele se manifestem as obras de Deus. 4. Importa que façamos as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; vem a noite, quando ninguém pode trabalhar. 5. Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo. 6. Dito isto, cuspiu no chão e com a saliva fez lodo, e untou com lodo os olhos do cego, 7. e disse-lhe: Vai, lava-te no tanque de Siloé (que significa Enviado). E ele foi, lavou-se, e voltou vendo.*

Em nossa analogia, o cego (mestrando ou doutorando) é comparado àquela pessoa que não tem a *visão* (percepção) de que pode produzir algo inédito (dissertação ou tese), de que tem a habilidade de pensar por si mesmo. Aprendeu desde cedo a ser dependente das ideias dos outros e nem concebe poder pensar fora dos parâmetros apreendidos; por exemplo, já com os *pais* aprende-se a ser cego para si mesmo (v. 2). A infância caracteriza-se pela dependência exclusiva à autoridade dos pais. Sem eles, o filho está perdido, ou seja, sem referências para onde seguir, como se comportar, o que fazer, o que *ser*. Essa dependência exclusiva dos pais é repassada mais tarde para outros: professores, políticos, o Estado. Nesse jeito de viver, tem-se clara a ideia de que a verdade vem de fora, vem de outrem, de um livro, de uma religião, de uma autoridade; de que a verdade não pode vir de dentro de si mesmo. A pessoa não é fonte de verdades; ela é apenas seguidora e reprodutora das mesmas. A cegueira acadêmica caracteriza-se assim por uma crença na incapacidade de produzir algo que não foi pensado por ninguém ainda. Os estudos de pós-graduação, nessa perspectiva, revelam-se como esse caminho pelo qual adquirimos tal confiança, de que é possível elaborar uma tese! Um caminho no

<sup>3</sup> BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. 2. ed Revista e Atualizada no Brasil. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

qual a pessoa cresce, adquirindo autoconfiança e percepção de uma realidade da qual as verdades emanam.

O v. 6 do texto bíblico retrata esse momento em que a pessoa recebe um crédito, ao matricular-se, quando passa a acreditar na possibilidade de aventurar-se no mundo das ideias (v. 5). O mundo das ideias é esse universo iluminista, de *luz*, racional, onde a ciência floresce e faz crescer na pessoa um senso de admiração. A luz da razão eleva quem se aventura por esse universo. Aquele que se nega, vive num mundo de escuridão, como um cego. Nesse período, os princípios básicos desse universo, os elementais para a construção do edifício que se tornará a tese são apresentados, tais como bom português (meio de expressão das ideias), exatidão terminológica, sequência lógica dos argumentos, capacidade de síntese, objetividade, análise crítica etc. Esses elementos são como o lodo e a saliva (v. 6) aplicados aos olhos (razão) do acadêmico, os quais, a princípio, cegam ainda mais, por saturação; mas, como colírio, limpam paulatinamente, oferecendo clareza e limpidez na expressão das ideias.

Esse processo de cura se dá, por exemplo, num instituto de pós-graduação, aonde o acadêmico é enviado, tal qual o cego ao tanque de Siloé (v. 7). Durante o primeiro ano, dezenas de seminários fazem com que o indivíduo exercite a arte do bem escrever monografias; a arte de pensar criticamente; a arte de expressar com objetividade pensamentos próprios e alheios. Nesse tanque de cultura acadêmica, desenvolve-se a habilidade racional a ponto de ver com maior lucidez o mundo com outros olhos: os olhos da lógica objetiva, sem ser cegado pela mera elucubração ou pelas confusas emoções. Como num caminho místico, há também a presença de um mestre<sup>4</sup>, de um guru, de um sábio, que, por já ter percorrido o caminho da *iluminação*, pode auxiliar neófitos, indicando o melhor rumo e por onde não ir. No caso da academia, o orientador cumpre tal função, assim como Virgílio acompanhava Dante de perto, cuidando para que tudo transcorresse bem com seu aprendiz cambaleante, indicando as melhores sendas pelos desfiladeiros gramaticais, aconselhando as melhores abordagens temáticas, apontando os erros de expressão linguística, ensinando o passo justo das pernas. Tal como Virgílio<sup>5</sup>, o orientador revela-se inicialmente como um estranho, que exige do acadêmico ir além de si.<sup>6</sup>

## 2ª Perícopo: João 9. 8-17 – O amigo

*8. Então os vizinhos e aqueles que antes o tinham visto, quando mendigo, perguntavam: Não é este o mesmo que se sentava a mendigar? 9. Uns diziam: É ele. E*

---

<sup>4</sup> BARRY, William A. & CONNOLLY, William J. **Direção Espiritual**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1999. p. 24: “‘Direção’ [...] implica que a pessoa que busca a direção pretende ir a alguma parte e deseja conversar com alguém pelo caminho”.

<sup>5</sup> ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. 4. ed. Belo Horizonte: Editora Italiana Limitada, 1984. [Grandes Obras da cultura Universal, v. 1]. p. 104, linhas 64-66.

<sup>6</sup> ALIGHIERI, 1984, p. 106, linha 91: “Convém fazeres uma nova viagem”.

*outros: Não é, mas se parece com ele. Ele dizia: Sou eu. 10. Perguntaram-lhe, pois: Como se te abriram os olhos? 11. Respondeu ele: O homem que se chama Jesus fez lodo, untou-me os olhos, e disse-me: Vai a Siloé e lava-te. Fui, pois, lavei-me, e fiquei vendo. 12. E perguntaram-lhe: Onde está ele? Respondeu: Não sei. 13. Levaram aos fariseus o que fora cego. 14. Ora, era sábado o dia em que Jesus fez o lodo e lhe abriu os olhos. 15. Então os fariseus também se puseram a perguntar-lhe como recebera a vista. Respondeu-lhes ele: Pôs-me lodo sobre os olhos, lavei-me e vejo. 16. Por isso alguns dos fariseus diziam: Este homem não é de Deus; pois não guarda o sábado. Diziam outros: Como pode um homem pecador fazer tais sinais? E havia dissensão entre eles. 17. Tornaram, pois, a perguntar ao cego: Que dizes tu a respeito dele, visto que te abriu os olhos? E ele respondeu: É profeta.*

Com o passar do tempo, o orientador deixa de ser um estranho, tornando-se um amigo na caminhada – uma caminhada que se delonga durante o processo de desobstrução visual. Na história bíblica, pode parecer rápida a cura da visão após o lavar-se no tanque de Siloé, mas provavelmente não foi. É necessário muito tempo para que um cego de nascença logre se adaptar à nova maneira de perceber o mundo ao seu redor.<sup>7</sup> Da mesma forma, o acadêmico passa por um tempo de adaptação, ao readequar sua vida segundo essa nova maneira de perceber *objetivamente* o universo todo. Há tempos de insegurança e amedrontamento; também há os de alegria e sucesso. As novas percepções inebriam e assustam ao mesmo tempo. O acadêmico sente-se tal qual uma criança que se levanta pela primeira vez sobre seus próprios pés, fascinada pelo horizonte que se alarga diante de si, mas assustada pelo inusitado.

Um exemplo de insegurança que acompanha a mudança de visão é a reação das pessoas que convivem diariamente com o acadêmico. A mudança de visão gera abalos nos sistemas sociais de relacionamentos, afastando antigas amizades, mas fortalecendo outras novas. As pessoas passam a não reconhecer mais o amigo (v. 9). O acadêmico passa a pensar *diferente*, a reagir de maneira diversa da conhecida. Por exemplo, ao invés de julgar segundo as emoções, passa a usar a razão lógica como instrumento de resolução de conflitos. Isso perturba não apenas a rede social, como por fim a própria pessoa. À medida que distingue o universo distintamente, a pessoa passa a se redefinir internamente. Uma nova “personalidade” desabrocha! Um novo “eu” que precisa aprender a se posicionar sobre seus próprios pés, não recaindo na antiga falácia de creditar valor demais ao que os outros (amigos) pensam sobre o universo, sobre temas vigentes e/ou sobre ele mesmo em detrimento de como ele pensa acerca dessas mesmas coisas.<sup>8</sup>

<sup>7</sup> No filme “À Primeira Vista” (*At First Sight*), um homem recobra a visão perdida na infância. O filme retrata o tempo e a dificuldade de adaptação com o novo sentido recuperado.

<sup>8</sup> Martim Lutero, durante a Dieta de Worms, exemplifica essa atitude ao se posicionar de maneira enfática diante de seus opositores que exigiam que reconsiderasse suas próprias teses, aceitando as do papa, afirmando: “Eu penso assim e daqui não arredo o pé!” Ele também adquiriu essa autoconfiança teológica (racional) a partir do período de aprendizagem acadêmica, logrando seu doutorado em

Essa fase de fortalecimento da autoconfiança pelos próprios pensamentos produzidos culmina no exame de qualificação.<sup>9</sup> Nesse exame, as qualificações como pensador original são verificadas por uma banca de três mestres (v. 13-17). Assim como o protagonista de nossa história é arguido sobre sua capacidade de enxergar (v. 15a), também o acadêmico deve apresentar um projeto de 15 páginas diante de um corpo de mestres da lei (academia), através do qual manifesta suas incipientes teses. Em João, o jovem curado amadureceu sua nova concepção de cidadania mediante a interpelação das autoridades religiosas que o instigaram a rever seu testemunho. Ao resistir e ficar firme em sua posição de que um tal Jesus o havia curado, aplicando-lhe lodo aos olhos (v. 15), o protagonista joanino logra fortalecer-se diante de forças contrárias (v. 16), alcançando um nível de entendimento mais acurado sobre seu benfeitor: “Que é um profeta” (v. 17)!

Nisso reside o exame de qualificação: o projeto de tese é igualmente bombardeado por quesitos acadêmicos, averiguando-se se o conteúdo é demasiado abrangente, se há uma lógica interna, se há um referencial teórico adequado, se a estrutura dos capítulos e subtítulos é ordenada, se os objetivos específicos e gerais encontram-se presentes, se as justificativas são coerentes, se a previsão de desenvolvimento da tese é proporcional etc. O primeiro projeto de qualificação não deixa de ser um esboço teórico de uma ideia hipotética, assim como um curado de cegueira percebe inicialmente esboços de pessoas e coisas nesse novo mundo cheio de luz. O orientador sabe disso, por isso, mesmo sendo um dos três da banca de qualificação, coloca-se ao lado do seu pupilo, pois sabe que sua maestria, seu valor enquanto guia acadêmico, também está sob avaliação. Afinal, não é o orientador o responsável por abrir os olhos do neófito acadêmico para o mundo do iluminismo, da luz da razão? Não é da natureza da amizade ficar solidariamente ao lado do amigo nesses momentos de inquirição? Não é típico de um guia acompanhar o guiado pelas paragens mais sombrias?<sup>10</sup>

### 3ª Perícopo: João 9.18-23 – O pai (espiritual)

*18. Os judeus, porém, não acreditaram que ele tivesse sido cego e recebido a vista, enquanto não chamaram os pais do que fora curado, 19. e lhes perguntaram: É este o vosso filho, que dizeis ter nascido cego? Como, pois, vê agora? 20. Responderam seus pais: Sabemos que este é o nosso filho, e que nasceu cego; 21. mas como agora vê, não sabemos; ou quem lhe abriu os olhos, nós não sabemos; perguntai a ele mesmo; tem idade; ele falará por si mesmo. 22. Isso disseram seus pais, porque temiam os judeus, porquanto já tinham estes combinado que se alguém confessasse*

---

Teologia. Cf. GREINER, Albert. **Lutero** – Ensaio Biográfico. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1982. p. 97-111.

<sup>9</sup> Fase existente no antigo IEPG entre o primeiro ano e o segundo, quando então o mestrando ou doutorando passava a elaborar sua dissertação ou tese.

<sup>10</sup> ALIGHIERI, 1984, p. 120, linha 9: “Deixa toda esperança, ó vós, que entraís”.

*ser Jesus o Cristo, fosse expulso da sinagoga. 23. Por isso é que seus pais disseram: Tem idade, perguntai-lho a ele mesmo.*

A resposta do jovem protagonista de João, no v. 17, testemunhando sua crença de que aquele que o havia curado era um *profeta*, faz a transição para essa terceira perícopes. Ao conduzir o acadêmico, o orientador acaba recebendo a projeção de *pai* (v. 18)! Inicialmente, o orientador não deixa de ser uma pessoa estranha, por apresentar uma maneira de percepção distinta; depois, quando essa maneira se torna corriqueira, o orientador revela-se um conhecido, um amigo; mas quando o guiado percebe que essa nova maneira de viver a vida o enriquece, de diferentes modos, acaba por ver no orientador a figura de um pai, de um verdadeiro guru. Nesse estágio, o orientador torna-se a referência da verdade; suas ideias tornam-se as do acadêmico; sua filosofia de vida, a única viável.

Um bom orientador, contudo, conhece essa etapa do percurso que deve levar um orientando a ser um pensador autônomo. Aqui, a figura do pai oscila entre a do “profeta” e a do “demônio”, entre a figura da “mãe” e a da “bruxa”, pois o bom orientador precisa *desconstruir* a transferência, não permitindo que seu tutelado regreda ao estágio inicial: o de não ter pensamento próprio e, portanto, o de arraigar-se emocionalmente a uma filosofia de vida alheia, mas crida como sua. São como as tentações do deserto, com suas miragens ludibriantes, que arrastam os incautos para o meio do nada.<sup>11</sup> Nesse momento, o guia revela sua natureza de arauto, chamando a atenção do pupilo para os demônios inerentes ao complexo processo de transcender a si mesmo.<sup>12</sup> O orientador cumpre bem sua tarefa ao alertar seu orientando, por exemplo, quando nota que esse começa a citá-lo demasiadamente em sua obra. Ele o ajuda a compreender o valor da crítica quando exige que acrescente pensadores críticos, contrários ao argumento central da tese.

Os pais do personagem joanino confirmam que são os pais do outrora cego, mas o deixam à mercê dos acusadores. O jovem indefeso deve falar por si (v. 21), pois *já tem idade*. O acadêmico aprende que, no transcender do estudo, ficará sozinho. O tempo de pós-graduação é um tempo de maturação (v. 23 – idade suficiente) e, consequentemente, de solidão. Muitas vezes, até a família do acadêmico fica em segundo plano. A solidão é devida ao fato da tese ser sua e de que somente ele a compreende como a ninguém mais, a não ser seu orientador; e mesmo esse não tanto quanto o próprio autor da tese. O indivíduo vai compreendendo que a caminhada acadêmica eleva-o a patamares mais altos, o que é bom, mas longe da maioria que não logra ou nem sonha alcançar tais patamares racionais e culturais. Fica ele só, com seu orientador.

<sup>11</sup> ALIGHIERI, 1984, p. 160, linha 64-66: “Pois o ouro todo que na terra existe, poder não tem de a paz proporcionar, a uma só dentre as almas que tu viste”.

<sup>12</sup> ALIGHIERI, 1984, p. 280, linha 72: “Mas ele [Virgílio] lhes [demônios] gritou: ‘Quietos, eu digo!’” [colchetes nossos].

## 4ª Perícopo: João 9.24-34 – O juiz

24. Então chamaram pela segunda vez o homem que fora cego, e lhe disseram: *Dá glória a Deus; nós sabemos que esse pecador é pecador.* 25. Respondeu ele: *Se é pecador, não sei; uma coisa sei: eu era cego, e agora vejo.* 26. Perguntaram-lhe pois: *Que foi que te fez? Como te abriu os olhos?* 27. Respondeu-lhes: *Já vo-lo disse, e não atendestes; para que o quereis tornar a ouvir? Acaso também vós quereis tornar-vos discípulos dele?* 28. Então o injuriaram, e disseram: *Discípulo dele és tu; nós, porém, somos discípulos de Moisés.* 29. Sabemos que Deus falou a Moisés; mas quanto a este, não sabemos donde é. 30. Respondeu-lhes o homem: *Nisto, pois, está a maravilha: não sabeis donde ele é, e entretanto ele me abriu os olhos;* 31. *sabemos que Deus não ouve a pecadores; mas, se alguém for temente a Deus, e fizer a sua vontade, a esse ele ouve.* 32. *Desde o princípio do mundo nunca se ouviu que alguém abrisse os olhos a um cego de nascença.* 33. *Se este não fosse de Deus, nada poderia fazer.* 34. *Replicaram-lhe eles: Tu nasceste todo em pecados, e vens nos ensinar a nós? E expulsaram-no.*

Os fariseus e teólogos judeus queriam destruir os sinais miraculosos do Messias Jesus. Ao descobrirem mais um sinal, o jovem curado de cegueira, resolveram destruí-lo. Inicialmente, os amigos foram questionados e afastados; então o corpo eclesial local foi acionado; depois foi a vez dos pais. Como o jovem mesmo assim não mudava seu discurso, pelo contrário, torna-se mais e mais um defensor obstinado de seu curador, a lide foi levada para uma instância maior, municipal. A interrogação final deu-se numa corte judaica (v. 24). Juízes usaram de toda a argúcia teológica para desbaratar o testemunho crítico do protagonista (v. 24-29), a fim de desacreditá-lo de si mesmo, de suas premissas mais básicas: a de que Jesus, um estranho, fez lodo, untou-lhe os olhos e disse-lhe para se lavar no tanque de Siloé, enxergando ao regressar! A banca joanina era formada por doutores da lei, sagazes oradores, formidáveis escribas e excelentes argumentadores. Contudo, a despeito de todos os esforços, o protagonista, com toda a sua humildade, perseverou na única verdade, sendo congruente com o fato ocorrido. Ao dar testemunho irreduzível desse fato, a despeito das consequências nefastas que porventura poderiam lhe sobrevir, o jovem acaba por desenvolver uma *tese* simples, clara e irrefutável (v. 30-33), vencendo o debate teológico com maestria (v. 34).

Não é assim no caso de uma defesa de tese? Não é assim que, durante cinco horas, cinco doutores usam de toda a argúcia para dismantelar uma tese – uma ideia monográfica inédita e pessoal – com o objetivo de ver se ao fim ela resiste? Se a congruência entre a tese (produto final da aplicação do lodo, do lavar-se no tanque e do enxergar o mundo com novos olhos) e a fala se mantém? Ou seja, se a tese é realmente original, testemunho de um pensamento autônomo, não tolhido por partidarismos científicos?

Nessa fase, o orientador é o último “inquisidor” a expor suas críticas. Nessa posição, está apto a auxiliar seu neófito, respondendo e ponderando algumas questões não devidamente refutadas ou esclarecidas pelo orientando. Mas, ao mesmo

tempo, ele também deseja valorizar sua *obra de arte*, fazendo, mormente, uma pergunta sagaz, sem prevenir seu tutelado. Uma atitude arriscada. Se o doutorando não souber responder à questão, está em jogo não apenas a reputação da defesa, como a do próprio orientador. Contudo, o bom guia é aquele que só permite ao pupilo avançar a uma próxima etapa (exemplo, remeter a tese para uma defesa), quando o sabe pronto. Se a tese está madura, então o orientador será o primeiro a recomendá-la para a defesa. E durante a defesa, por conhecer seu discípulo, lhe apresentará desafios difíceis com o intuito de fortalecê-lo. O bom orientador torna-se tão conhecido pelo guiado que este lhe devota tanta confiança a ponto de aceitar os desafios. Aceita-os por saber que, se o mestre lhe repassou tal lição, tal questão, é porque está apto a respondê-la devidamente. O bom orientador torna-se, assim, nessa fase, um juiz que, confiando no “devido processo acadêmico”<sup>13</sup>, aplica a lei em toda a sua extensão com o fito de talhar uma última cinzelada em sua obra, antes de vê-la acabada.

### 5ª Perícopo: João 9.35-41 – O mestre

*35. Soube Jesus que o haviam expulsado; e achando-o, perguntou-lhe: Crês tu no Filho do homem? 36. Respondeu ele: Quem é, senhor, para que nele creia? 37. Disse-lhe Jesus: Já o viste, e é ele quem fala contigo. 38. Disse o homem: Creio, Senhor! E o adorou. 39. Prosseguiu então Jesus: Eu vim a este mundo para juízo, a fim de que os que não veem vejam, e os que veem se tornem cegos. 40. Alguns fariseus que ali estavam com ele, ouvindo isso, perguntaram-lhe: Porventura somos nós também cegos? 41. Respondeu-lhes Jesus: Se fosseis cegos, não teríeis pecado; mas como agora dizeis: Nós vemos, permanece o vosso pecado.*

A história de João poderia ter sido concluída no versículo 34, com a expulsão do jovem curado, um anátema por sua crença em Jesus como um mestre que cura! Contudo, a história continua por mais sete versículos. Ao se ver expulso da cidade, o protagonista acaba no deserto. Aqui ocorre o segundo encontro com Jesus (v. 35). O jovem, entretanto, não o reconhece, já que da primeira vez se encontrava sob o domínio da cegueira (v. 36). Interessante que igualmente nessa segunda vez ocorre uma cura. Durante toda a história, o jovem reporta-se a Jesus como a um desconhecido (*um homem chamado Jesus me curou*).<sup>14</sup> Na verdade, ele nunca vira Jesus; mas aqui estava ele diante de seu benfeitor, sem sabê-lo.

<sup>13</sup> Paráfrase da expressão jurídica “Devido Processo Legal”, através do qual ambos, o autor e o réu de uma ação judicial, podem ter a certeza de que sua questão será devidamente avaliada, ou seja, de que o juiz seguirá todas as etapas da lei com o fito de melhor julgar a demanda. Cf. CINTRA, Antonio Carlos de Araújo et al. **Teoria Geral do Processo**. 19. ed. rev. e atual. São Paulo: Malheiros, 2003. p. 82ss.

<sup>14</sup> Versículos 11, 15, 25 e 33.

Uns poderiam até questionar se o primeiro encontro com Jesus foi realmente bom para o então cego. Afinal de contas, não foi em função da cura que seus amigos mais próximos se distanciaram e negaram qualquer ligação com ele (primeira perícopo)? Não foi em função da cura que os fariseus o interrogaram duramente (segunda perícopo)? Não foi em função da cura que seus pais lavaram as mãos e o deixaram sozinho para se defender (terceira perícopo)? Não foi em função da cura que foi expulso da cidade e da convivência social, de seu suporte afetivo (quarta perícopo)? Ou seja, depois de curar, esse milagreiro desconhecido o deixou sozinho e desamparado diante de todas as mazelas que essa cura com certeza iria lhe trazer. Se o jovem soubesse que aquele lodo nos olhos, meses atrás, no portão da cidade, iria lhe trazer tantos desatinos, provavelmente não teria ido até o tanque de Siloé e limpado os olhos, preferindo ficar cego, ao invés de acabar ali: sozinho no deserto, sem ninguém para amá-lo, ampará-lo ou guiá-lo.

Contudo, foram exatamente esses reverses da vida social que o fizeram enxergar coisas que antes não divisava. Não fisicamente, o que ocorreu no primeiro encontro com Jesus. Essa segunda cura não necessitou de lodo, nem das águas balsâmicas do tanque de Siloé. Para essa segunda cura, Jesus fez uso de outros ingredientes: questionamentos sobre seu *status quo* mediante confrontação com as diferentes relações sociais nas quais seu dia a dia se estruturava. Como num cadinho, ele foi apurado. Se a primeira cura capacitou-o a enxergar objetos aparentes, a segunda abriu-lhe os olhos para ver a essência das coisas. Os ingredientes da segunda cura despertaram-no para uma realidade a qual não percebia enquanto mendigo e dependente das esferas sociais. A segunda cura ajudou-o a se manter íntegro, congruente consigo mesmo, conhecendo-se a si e confiando em si. Ao deixá-lo a mercê da vida e suas dificuldades, e afastando-se de cena, Jesus estava fomentando a cura do desalento, da inércia da rotina, da ideologia religiosa ilusória e alienante.

É no deserto que essa nova percepção da realidade se desdobra diante da pessoa de Jesus Cristo. No v. 37, Jesus diz que o jovem protagonista já estava em condições de perceber essa realidade suprafísica, espiritual, mas que em função da cidade e de seus distúrbios (sons, valores contrários, opiniões alheias etc.), ainda permanecia cego. Por isso a vida lhe trouxera até o deserto; somente ali os obstáculos, essas traves oculares não mais estorvariam. Somente no deserto, livre de qualquer tipo de perturbação externa ou interna, o jovem estaria apto a “enxergar” devidamente a *essência* das coisas; somente agora o jovem percebe Jesus, não mais como a um estranho, mas como seu *Senhor* (v. 38)!

Como entender analogicamente o estágio do deserto? Não seria a defesa de dissertação ou tese o fim da história de todo acadêmico de pós-graduação, assim como seria o v. 34 o fim lógico da história do cego de nascença? Mas se o deserto segue ao fim provável da história joanina, então a analogia do mesmo deve situar-se após o período da pós-graduação. Ali é que devemos procurar pela analogia. Não seria a prática acadêmica, essa primeira época que se segue ao *canudo*, o período do deserto? O tempo do estudo, por mais difícil que seja, será sempre melhor do que

os primeiros tempos de docência. Esses são como um deserto. Não há pessoas para auxiliá-lo, como o orientador, nem regras acadêmicas. Tudo o que o acadêmico necessitava ele o aprendeu na academia, qual seja, o de que o valor de um docente está na sua capacidade de usar seus próprios recursos internos, intelectuais, apreendidos durante a época da pós. O deserto, assim, é essa ausência de referenciais externos, forçando o indivíduo a depender apenas de si e do que existe dentro de si. Se antes da academia o indivíduo dependia exclusivamente dos outros e nada de si mesmo, depois da mesma ele sai com essa necessidade de depender de si exclusivamente, questionando toda verdade externa.

O v. 36 é uma inquirição. O jovem aprendeu a questionar. Não aceita simplesmente, como antes lhe era praxe. *Quem é este Filho do homem para que eu creia nele?* O jovem foi educado na melhor das escolas: a da vida; e depois de passar por todos os desafios sociais e culturais, foi destilada em sua alma uma nova natureza: a de auscultar a tudo e a todos a partir de si mesmo. No caso acadêmico, o indivíduo passa a ser um cidadão do deserto. A vida do oásis cheia de experiências sensoriais embota-lhe a razão. Agora ele alcançou um patamar intelectual que o faz perceber realidades que poucos percebem. Com a depuração sensorial, a autoconfiança e a excelência da objetividade crítica sobre si, sobre os demais e sobre o mundo, seu olhar consegue focar com maior exatidão; seus olhos conseguem delinear ideias onde antes se percebiam contornos esmaecidos; a ignorância e a mediocridade desaparecem e no lugar dessas surgem a sabedoria e o mérito.

No caso joanino, Jesus é identificado como o Senhor a ser adorado. No caso acadêmico, a sabedoria revela-se nas novas relações sociais que se estruturam em torno do novo docente, quer sejam alunos ou familiares, cidadãos ou colegas de academia. Se foi através das relações sociais que o jovem cego aprendeu a não confiar em si e sim em verdades alhures, após a academia, será igualmente através das relações sociais (novas) que sua confiança em si será fortalecida, perscrutando fatos e verdades a partir de sua razão objetiva. Sua perspectiva mudou. Antes enxergava a realidade de uma maneira distorcida, como pedinte, dependente da benevolência alheia, e se via mediante o olhar dos transeuntes, ou seja, como um deficiente. Agora, sua perspectiva é outra. Enxerga com seus próprios olhos e o que vê o deslumbra, pois percebe que muitos estão na mesma situação que ele, quando cego. Mas ao contrário dos outros transeuntes, sente um desejo interno de devolver a graça que a vida lhe concedeu: a de fazer com que a pessoa cega sobre si mesma também adquira o *status* iluminista, transcendendo sua cegueira e encontrando em si a base de sua identidade.

É nesse instante que o orientando passa a ser *orientador*; o guiado, o guia de outros; por que agora o caminho lhe é conhecido e pode auxiliar outros aventureiros pelos incautos caminhos da academia. Porque nesse exato momento, com o despertar de sua solidariedade, ele deixa de ser um eterno estudante para ser um *pedagogo*. E o antigo orientador? Normalmente, o orientador despacha o orientando após o término do período da pós-graduação; mas o *bom* orientador não necessa-

riamente se desliga do mesmo assim tão facilmente. Não é esta outra característica de um bom orientador: considerar-se mestre, mesmo quando ninguém mais espera que assim proceda? Acompanhar seus orientados doutores onde quer que estejam, mesmo que distantes, mantendo o relacionamento, a amizade? Oferecendo oportunidades acadêmicas que possam enriquecer o currículo e a experiência docente? Não é esta uma característica cristã, a de transcender suas funções e expectativas formais, oferecendo para os aventureiros do deserto a última e mais importante lição: a de que não basta apenas o conhecimento iluminista, como também o conhecimento adquirido nas difíceis e complexas relações humanas da lida diária? De que a primeira visão (formal) é apenas um *sine qua non* para outra mais elevada: a existencial (relacional)?

## Conclusão

Os pais costumam exortar: “Um dia você ainda será ‘pai’ e então vai me entender!” Transladando para a relação acadêmica, entre orientando e orientador, o novo orientador, continua a aprender de seu antigo mestre, mesmo que este não mais se encontre por perto. Ao vivenciar a tarefa de acompanhar pessoas em seu amadurecimento espiritual (com seus desafios, confrontações, transferências e transcendências semelhantes aos que tivera), o novo orientador volta-se para o passado e lembra-se da antiga relação e se coloca não mais nos seus sapatos, mas nos do mestre. Em assim o fazendo, vivencia o que antes lhe era vedado enxergar. Mas como portador de novos olhos, logra perceber o que seu mestre passou e, através dessa recordação, continua a aprender do mesmo. E quando isso ocorre, quando o mestre, o orientador acadêmico permanece dentro do seu pupilo mesmo depois das lições terem sido repassadas, jorrando ensinamentos como ecos dantescos, então... então ele foi um *bom* orientador.<sup>15</sup>

## Referências bibliográficas

- ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. 4. ed. Belo Horizonte: Editora Italiana Limitada, 1984. [Grandes Obras da cultura Universal, v. 1].
- BARRY, William A. & CONNOLLY, William J. **Direção Espiritual**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em Português por João Ferreira de Almeida. 2. ed. Revista e Atualizada no Brasil. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

---

<sup>15</sup> Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Carlos Lothar Hoch pela caminhada acadêmica durante o período no tanque cultural do antigo IEPG, pelas orientações acadêmicas e de vida, no mestrado e no doutorado. A imagem do seu olhar sereno e cuidadoso, expressando confiança e estímulo, será sempre um farol para mim.

CINTRA, Antonio Carlos de Araújo et al. **Teoria Geral do Processo**. 19. ed. rev. e atual. São Paulo: Malheiros, 2003.

GREINER, Albert. **Lutero** – Ensaio Biográfico. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1982. 208 p.